



## FOLHA INFORMATIVA

*17 – 2017 – Setembro*

# O *REGENTE AGRÍCOLA* ANTÓNIO NUNES <sup>1</sup> E AS ORIGENS DA TRADIÇÃO DO MELÃO DE ALPIARÇA



### *ÍNDICE*

AS ORIGENS DA TRADIÇÃO DO MELÃO DE ALPIARÇA..... 2

(registos de memória de um antigo *Regente Agrícola* que concluiu o seu curso na Escola de Regentes Agrícolas de Santarém no ano de 1943)

---

<sup>1</sup> António Nunes na foto à esquerda, enquanto jovem adulto. Tirou o curso de *Regente Agrícola* em 1943, na Escola de Regentes Agrícolas de Santarém, hoje Escola Superior Agrária de Santarém. Foi inspector da Junta Nacional das Frutas, e teve oportunidade de conhecer os meloais dos campos da lezíria do Tejo, entre Vila Franca de Xira e a Chamusca, nas décadas de 40 e 50 do século XX. Tem hoje 97 anos e guarda uma notável memória, muito lúcida, desses tempos. A foto foi-nos cedida por Ricardo Hipólito.

**AS ORIGENS DA TRADIÇÃO DO MELÃO DE ALPIARÇA**

Depois de tirar o meu curso de Regente Agrícola, com 23 anos [em 1943] fui colocado em Chaves somente por três meses. Assim foi, fui para lá e acabei por ficar durante três anos, por causa das boas referências que lá tive por causa do trabalho que desenvolvi.



António Domingos Nunes <sup>2</sup>

Voltei e fui colocado em Lisboa na *Junta Nacional das Frutas*. Foi nessa altura que fiz a inspecção aos meloais da lezíria do Tejo. Corri os campos do Ribatejo de uma ponta à outra, fazendo Vila Franca, Benavente, Salvaterra de Magos, Almeirim, Alpiarça e Chamusca... A área dos meloeiros de Alpiarça foi aquela considerada entre Vila Franca de Xira até Salvaterra de Magos, mas sempre a da margem esquerda do Tejo. Toda aquela zona estava ocupada por meloeiros de Alpiarça, de 1943-44 a 1950 e seguintes (quase nenhuns de Almeirim), e lembro-me muito bem porque fui lá inspector, tendo-os conhecido praticamente a todos eles e às famílias.

Aquela recta que ali existe e à qual chamamos *Recta do Cabo* estava tomada pelos meloeiros de Alpiarça em certas épocas do ano, quando era a altura da apanha e venda do melão. Só se viam pargas de melões e meloeiros de Alpiarça a vender à beira da estrada da Recta do Cabo. Era muito raro aparecerem meloeiros de Almeirim, porque produziam mais melancia do que melão e isso compreende-se porque Almeirim tem terras arenosas,

---

<sup>2</sup> Foto gentilmente cedida por Ricardo Hipólito.

propícias ao cultivo da melancia, não do melão. Apesar de, nessa década de 40, o melão ser produzido e vendido pelos meloeiros de Alpiarça, especialmente na Recta do Cabo, a fama desses melões foi atribuída erradamente a Almeirim.

Almeirim nunca teve melões, porque por tradição e história sempre teve melancias.

Devo corrigir, para dizer que Almeirim teve melões quando Alpiarça era freguesia de Almeirim mas depois, com a criação do concelho de Alpiarça separando-se do concelho de Almeirim, aqui deixou de se produzir melão. É dessa altura que começa a ser criada a fama da produção do que hoje é conhecido como *melão de Almeirim*, mas esta terra nunca teve melões, embora hoje queira fazer acreditar que teve.



João Arranzeiro, meloeiro de Alpiarça, no seu meloal situado na *Herdade das Gamas*, nas margens do rio Sorraia, concelho de Coruche e freguesia da Fajarda. A foto foi tirada no início da década de 50 do século passado.<sup>3</sup>

O que é verdade tem que ser dito e temos que ter frontalidade e honestidade para defender a verdade, porque foi assim que a minha mãe me educou. Só por isso valeu o valente tabefe que ela me deu aos 18 anos, por ter ido a Almeirim de noite sem o conhecimento dela e por ter chegado a casa pouco depois da meia-noite.

Repito, melão de Almeirim não, melancia de Almeirim sim, porque aqueles terrenos são arenosos e esplendidos para o seu cultivo. Os de Alpiarça nunca tiveram queda para a melancia. Pelo contrário, a tradição do cultivo do melão pelos meloeiros de Alpiarça já vem da altura em que Alpiarça era freguesia do concelho de Almeirim, como já disse. Nessa altura já havia meloeiros alpiarcenses completamente estabelecidos nos campos da

---

<sup>3</sup> Para o investigador Ricardo Hipólito, “nos anos 20 do século passado já há notícias de alpiarcenses se dedicarem à cultura do melão, nos campos de Alpiarça e Chamusca ou mesmo nos campos do Vale de Santarém” tendo-se assistido, ao longo das décadas seguintes (...) à debandada de centenas de famílias [de meloeiros de Alpiarça] para os campos do Vale de Santarém, Coruche, Cartaxo, Azambuja, Salvaterra de Magos, Benavente ou de Vila Franca de Xira”. Fonte: Caderno Cultural N°1, *Manuel António. A Arte de Criar um Melão*, 2ª edição da AIDIA.

lezíria entre Vila Franca e Salvaterra de Magos, repito. A melhor área para o cultivo do melão pelos seareiros de Alpiarça era a das várzeas dos campos de Vila Franca, Benavente e Salvaterra.

Quando Alpiarça passou a concelho e a partir daí, os nossos seareiros foram-se apercebendo que não era preciso sair de Alpiarça para cultivar melão, porque o fruto também se dava aqui muito bem, dado que as terras, o clima e a proximidade do Tejo eram exactamente as mesmas, pelo que não havia necessidade, a partir de uma certa altura, de continuarem a ir *de tralha às costas* para os campos de Vila Franca. Por isso começaram a cultivar melão por aqui, o que em Almeirim praticamente não aconteceu. Ainda sou do tempo em que os meloeiros de Alpiarça, quando chegava a época das sementeiras... *Ala para Vila Franca!*... Lembro-me de irem de carroça e depois passaram a ir de furgonetas. Eram furgonetas de caixa aberta que levavam a bagagem, ou *tralha* como eles diziam, ou seja, as barracas dos meloeiros, as enxadas e alfaias, os colchões e os apetrechos de cozinha, tudo o que era preciso para ficarem lá a viver por períodos que podiam chegar aos 6 meses ou mais. Até levavam os cães em conjunto com a *tralha*.



Meloeiros de Alpiarça, na década de 60 do século XX. A seara era trabalhada à mão (com enxadas) e com a ajuda de tracção animal. Na imagem, não falta mesmo o cão. A memória de António Nunes, nosso interlocutor, não o atraiçoou.<sup>4</sup>

Foi na altura em que andava na inspecção dos meloais que ouvi falar do Manuel António, na década de 40, embora não o tenha logo conhecido. Um dos locais da inspecção era o Alentejo e aí me apercebi naquela altura que os alentejanos semeavam

---

<sup>4</sup> Foto cedida por Celestino Brasileiro e que está publicada no Caderno Cultural Nº1, *Manuel António. A Arte de Criar um Melão*, 2ª edição da AIDIA, revista e melhorada.

melões não para os terem mas para prepararem a terra para o trugal do ano seguinte. Naquela altura fui parar à Amareleja e vi uns melões muito bons – que agora são conhecidos pelo nome de *Manuel António* – e disse-lhes que eles tinham lá uma variedade muito boa de melão. De tal maneira que, no fim de fazer a inspecção na Amareleja disse para o seareiro *Ouçá lá, você não me arranja umas sementes destas?* ao que o seareiro me disse *Sim senhor, mas tenho que ir buscá-las a Espanha!* Disse-lhe então *Oh homem, vá buscá-las onde quiser, só tem que me dizer quanto é que eu tenho que pagar e você manda-me isso lá para Alpiarça.* Disse-me ele *Fique descansado!* Só que o tempo foi passando e a semente nunca mais aparecia. Estava quase a desistir de esperar quando um dia recebi uma senha de uma encomenda que tinha sido enviada por caminho-de-ferro. O homem não se tinha esquecido, foi comprar as sementes a Espanha e mandou-mas por combóio. Era um saco de semente de melão, que fui levantar a Santarém.

Entretanto, no Grémio da Lavoura de Alpiarça onde eu trabalhava, um meloeiro estava a queixar-se que tinha plantado sementes e não tinha sido bem-sucedido, pelo que tinha perdido a sementeira. Lá trouxe as sementes que tinha e vendi-lhas. Ele aproveitou, plantou e aos poucos conseguiu criar uma variedade própria, com o nome de *Manuel António*. Eu tinha muita confiança com ele e com toda aquela gente que fazia meloais. Naquela altura exportava-se muito melão para o Brasil e para a Inglaterra, mas melancia não. A minha função era a de inspeccionar os meloais destinados à exportação e, por isso, sabia muito bem como tudo funcionava.



Uma das variedades de melão <sup>5</sup>

---

<sup>5</sup> Fonte: Fonte: <http://www.agronegocios.eu/userfiles/image/dropzone/blogs/20160721014500-melao101.jpg>. Acedido em: 04-09-2017.

A minha função era também de mencionar aos exportadores quem é que tinha melões em condições de exportar e os comerciantes exportadores punham-se em contacto com os meloeiros e faziam os seus negócios, nos quais eu não metia “prego em estopa” por nunca me quis envolver nisso.

Eles tinham embalagens de madeira com melões lá dentro para exportar para Inglaterra, melões de 1 quilo, muito iguais, porque os ingleses gostavam muito do fruto assim, para o abrir ao meio e comer com colher, como se fosse um doce. Exportava-se muito melão para Inglaterra desde que não fossem grandes, mas sim calibrados para um certo peso. Exportávamos muito melão para o Brasil por causa da comunidade portuguesa que sempre já existiu mas, para lá, podia ser de qualquer tamanho porque não faziam exigências como os ingleses. Eu estive no Brasil e sei o potencial que eles têm lá mas nós aqui nunca soubemos aproveitar o que temos para criar uma relação que fosse durável com eles. Não sei porquê mas nós aqui queremos ganhar tudo de uma vez e acabamos por estragar as coisas. Acabamos por perder tudo, dando razão aos que dizem que *quem tudo quer, tudo perde!* Somos gananciosos e só temos perdido com isso.



Melões de Alpiarça, com os selos a anunciar a origem dos frutos <sup>6</sup>

---

<sup>6</sup> Fonte:

[https://thumbs.web.sapo.io/?epic=MjQxNVfBfrrXjZdqXrfoB/95CAkm0kkrvhxZsEeStWlQmQ+pmp72nwDwr4D+Ssrijnujws9+QykJkE9Ma7RcEnp9Lr/Pzf8o/wcvuK3mUOoBQ=&W=1200&H=627&delay\\_optim=1&tv=1&crop=center&jpg](https://thumbs.web.sapo.io/?epic=MjQxNVfBfrrXjZdqXrfoB/95CAkm0kkrvhxZsEeStWlQmQ+pmp72nwDwr4D+Ssrijnujws9+QykJkE9Ma7RcEnp9Lr/Pzf8o/wcvuK3mUOoBQ=&W=1200&H=627&delay_optim=1&tv=1&crop=center&jpg). Acedido em: 04-09-2017.